



UFC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
CURSO DE MÚSICA – LICENCIATURA**

JOSÉ CARLISSON DE SOUSA ARAÚJO

**EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA INDÍGENA JARDIM DAS OLIVEIRAS: UM
ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE PORANGA/CE**

SOBRAL

2019

JOSÉ CARLISSON DE SOUSA ARAÚJO

EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA INDÍGENA JARDIM DAS OLIVEIRAS: UM
ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE PORANGA/CE

Monografia apresentada ao Curso de Música
– Licenciatura da Universidade Federal do
Ceará, *Campus* Sobral como requisito parcial
à obtenção do título de Licenciado em Música.
Área de concentração: Música.

Orientador: Prof. Dr. José Álvaro Lemos de
Queiroz.

SOBRAL

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A1e ARAÚJO, JOSÉ CARLISSON DE SOUSA.
EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA INDÍGENA JARDIM DAS OLIVEIRAS: UM ESTUDO DE
CASO NA CIDADE DE PORANGA/CE / JOSÉ CARLISSON DE SOUSA ARAÚJO. – 2019.
63 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Música, Sobral, 2019.
Orientação: Prof. Dr. José Álvaro Lemos de Queiroz.

1. Educação indígena. 2. Educação musical. 3. Projeto Político Pedagógico. 4. Toré. I. Título.

CDD 780

JOSÉ CARLISSON DE SOUSA ARAÚJO

EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA INDÍGENA JARDIM DAS OLIVEIRAS: UM
ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE PORANGA/CE

Monografia apresentada ao Curso de Música–
Licenciatura da Universidade Federal do
Ceará, *Campus* Sobral como requisito parcial
à obtenção do título de Licenciado em Música.
Área de concentração: Música.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Álvaro Lemos de Queiroz (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Eveline Andrade Ferreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, porque sem Ele não sou nada.

A minha esposa Jaqueline e meus filhos Ana Clara, José Caio e Maria Clarissa.

Agradeço a minha mãe, meu pai, meus irmãos e familiares em geral que sempre torceram por mim.

Aos meus amigos, entre eles destaco o professor Léo Araújo que esteve presente durante todo o processo de construção do trabalho.

Ao Prof. Dr. José Álvaro Lemos de Queiroz, pela excelente orientação junto a pesquisa.

Aos professores Dr. João Emanuel (UFC) e a professora Dra. Eveline Andrade (UFC) por aceitarem o convite para participarem da banca examinadora e pelas preciosas colaborações e sugestões ao trabalho.

Agradeço também a todos que fazem parte da Escola Indígena Jardim das Oliveiras que desde o primeiro momento me acolheram e a todos indígenas Tabajaras e Kalabaças de Poranga-CE.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma investigação acerca da utilização da música na Escola Indígena Jardim das Oliveiras de Poranga/CE descrevendo e contextualizando como acontece a formação musical dos alunos da referida escola. Buscando saber qual papel a música exerce na instituição de ensino, como ela é trabalhada pelos docentes e qual o perfil musical desses estudantes. Também discorreremos sobre a principal manifestação cultural que ocorre na escola, o ritual sagrado Toré. A pesquisa ocorreu através da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, de entrevistas com professores e alunos e observação e entrevistas com os participantes do Toré.

Palavras-chave: Educação indígena; Educação musical; Projeto Político Pedagógico e Toré.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Utensílios de propriedade dos antepassados das etnias locais.	Pág. 17
Figura 02	Machado. Instrumento utilizado nas atividades laborais indígenas.	Pág. 17
Figura 03	Foto do perfil da página do Facebook da escola	Pág. 45
Figura 04	Roda do toré na Escola Jardim das Oliveiras	Pág. 55

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 01	Frequência em que a música é prevista no PPP(%)	Pág. 36
Figura 02	Papel que a música exerce nas disciplinas	Pág. 39
Figura 03	Preferências musicais dos alunos do 1º, 2º e 3º anos do E. Médio	Pág. 43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Competências, conteúdos e metodologias na Educação Infantil	Pág. 26
Tabela 2	Competências, conteúdos e metodologias no 1º ano do E. Fundamental	Pág. 27
Tabela 3	Competências, conteúdos e metodologias no 2º ano do E. Fundamental	Pág. 28
Tabela 4	Competências, conteúdos e metodologias no 3º ano do E. Fundamental	Pág. 28
Tabela 5	Competências, conteúdos e metodologias no 4º ano do E. Fundamental	Pág. 28
Tabela 6	Competências, conteúdos e metodologias no 5º ano do E. Fundamental	Pág. 29
Tabela 7	Competências, conteúdos e metodologias no 6º ano do E. Fundamental	Pág. 30
Tabela 8	Competências, conteúdos e metodologias no 7º ano do E. Fundamental	Pág. 31
Tabela 9	Competências, conteúdos e metodologias no 8º ano do E. Fundamental	Pág. 32
Tabela 10	Competências, conteúdos e metodologias no 9º ano do E. Fundamental	Pág. 33
Tabela 11	Competências, conteúdos e metodologias no 1º ano do E. Médio	Pág. 34
Tabela 12	Competências, conteúdos e metodologias no 3º ano do E. Médio	Pág. 35

LISTA DE TRANSCRIÇÕES

Transcrição 1	Música de abertura	Pág. 47
Transcrição 2	Sequência I	Pág. 50 e 51
Transcrição 3	Deus no céu e os índios na terra	Pág. 52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	<i>Apresentando o contexto da pesquisa</i>	14
1.2	<i>Criação da Escola Indígena Jardim das Oliveiras</i>	15
2	JUSTIFICATIVA	18
3	OBJETIVOS	19
3.1	<i>Geral</i>	19
3.1	<i>Específicos</i>	19
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	20
4.1	<i>Uma revisão na literatura sobre os PPPs</i>	21
4.2	<i>Construindo uma metodologia</i>	22
5	O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA JARDIM DAS OLIVEIRAS - PORANGA/CE	24
5.1	<i>Análise do Projeto Político Pedagógico (PPP)</i>	24
5.1.1	<i>Educação Infantil</i>	26
5.1.2	<i>Ensino Fundamental</i>	26
5.1.3	<i>Ensino Médio</i>	33
5.2	<i>Utilização prática da música em sala de aula</i>	37
5.3	<i>Comparação do PPP com a prática</i>	41
6	PERFIL DO ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO	43
7	TORÉ	46
7.1	<i>Toré na Escola Indígena Jardim das Oliveiras</i>	52
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
9	REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é mundialmente conhecido como o país do futebol, do carnaval, de grandes riquezas naturais e paisagens magníficas. Também é lembrado pela sua diversidade cultural, que vem da mistura de muitas etnias de povos que estiveram aqui em períodos remotos, ou que sempre habitaram nessas terras, como é o caso dos indígenas. Esta última cultura mencionada, que influenciou diversos segmentos da sociedade ainda resiste, apesar de já ter sofrido perdas imensuráveis.

A cada dia o resgate de seus valores vem aumentando e a música tem um papel muito importante nessa preservação e reconquista. A música faz parte da tradição indígena, é incontestável que ela está em muitas atividades do cotidiano, ela está presente nos rituais de agradecimentos aos deuses, nos rituais de cura, nos cultos à mãe terra, nas suas danças comemorativas e no trabalho diário. Anthony Seeger, etnomusicólogo estudioso da cultura indígena, explica que:

A música é uma forma específica de comunicação. Suas características não-verbais fazem dela um veículo privilegiado para transmitir valores e éthos que são mais facilmente “musicados” que verbalizados. Estes são comunicados não somente através dos sons, mas também dos movimentos dos intérpretes, do tempo, do local e das condições em que são executados. (SEEGGER, 1945, p. 84)

Partindo da compreensão da enorme importância da música na cultura indígena, principalmente nos processos de preservação, reconquista e reestruturação social, onde o indígena se vê como um agente social transformador da realidade em que está inserido, e levando em consideração a relevância do papel das escolas indígenas nesse processo, foi de interesse no presente trabalho pesquisar acerca de como está acontecendo a formação musical dos alunos nessas escolas. Para uma melhor compreensão do caso estudado delimitamos o contexto da pesquisa. A escola escolhida para a realização da pesquisa foi a Escola Indígena Jardim das Oliveiras, localizada na cidade de Poranga/Ce. A investigação ocorreu através da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, de observações da relação de ensino/aprendizagem em música entre professores e alunos na referida instituição e da observação do ritual sagrado do toré, que ocorre todas às segundas-feiras pela manhã e pela tarde, sendo uma das principais atividades musicais da escola.

Como ponto de partida para essa pesquisa, fizemos os seguintes questionamentos: Qual é a formação musical dos professores que utilizam da música na escola? Como se dá a formação musical dos alunos desde a Educação Infantil até o Ensino

Médio? Como ocorre a relação ensino-aprendizagem em torno da utilização de músicas indígenas e de músicas não indígenas? Quais as práticas mais recorrentes utilizadas pelos professores que se utilizam da música em suas disciplinas? Como é a receptividade dos alunos em relação às atividades musicais desenvolvidas em âmbito escolar? Qual é o papel do toré na Escola Jardim das Oliveiras, como esta manifestação é realizada na escola e como ocorre a participação dos alunos?

1.1. Apresentando o contexto da pesquisa

A pesquisa aconteceu na Escola Indígena Jardim das Oliveiras, que é uma das grandes conquistas das etnias indígenas situadas em Poranga/CE, mas nem todos os poranguenses têm conhecimento do trabalho desenvolvido neste espaço educacional, tanto no tocante à questão cultural, como no fortalecimento de tradições e, menos ainda, quanto ao ensino de música.

Poranga está localizada no noroeste dos sertões dos Inhamuns, a 345 quilômetros de Fortaleza, e faz divisa ao sul com Crateús, ao norte com Ipuieras, ao leste com Iraporanga e Ararendá e ao oeste com o estado do Piauí. Ela possui 1.309 km² de área territorial e sua população atual é um pouco mais de 12.001 habitantes. Seu nome inicial foi Várzea Formosa e depois, Formosa, a partir da lei nº 1.114, de 30 de dezembro 1943 mudou o nome para Poranga que vem do Tupi-guarani, e significa “bonito” (o mesmo que puranga, porã e purã). A principal fonte de renda da população vem do comércio e agricultura e, por ser uma cidade interiorana pouco desenvolvida economicamente, a principal fonte de emprego são os cargos públicos disponibilizados pela prefeitura. (IBGE¹, 2017)

Em Poranga localiza-se duas tribos indígenas importantes da região dos Inhamuns que são os Tabajaras e Kalabaças, essas tribos vivem juntas nas aldeias Cajueiro e Imburana. Os dados a seguir foram disponibilizados por um representante da comunidade indígena de Poranga/CE, por meio de planilha contendo as seguintes informações: A aldeia Imburana está localizada na zona urbana da cidade de Poranga/Ce e a aldeia Cajueiro está localizada a 38 quilômetros da sede e faz parte do distrito da Macambira. Aproximadamente 79 pessoas fazem parte da aldeia Cajueiro, sendo que dessas pessoas, 7 são da etnia Kalabaça, 71 da etnia Tabajara e 1 não indígena. Cerca de 1532 pessoas fazem

¹ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/poranga/historico>>. Acesso em: 3 de jun. 2018.

parte da aldeia Imburana, sendo que dessas pessoas, 66 são da etnia Kalabaça, 1446 são da etnia Tabajara e 20 não são indígenas. Dos pertencentes à aldeia Imburana, apenas 946 são aldeados, e dos pertencentes à aldeia Cajueiro, apenas 49 são aldeados. No total, as duas aldeias juntas são formadas por 1661 pessoas, sendo, aproximadamente 73 Kalabaça, 1517 Tabajaras e 21 não indígenas. Segundo relatos dos “Sábios”² os Tabajara e Kalabaças estão presentes no território poranguense desde períodos remotos, viviam nos arredores do “olho d’água”, que é uma extensa área de brejo e no “pinga” que é o local onde fica a cachoeira da cidade.

1.2 Criação da Escola Indígena Jardim das Oliveiras

A partir da Constituição Federal de 1988, houve um avanço na retomada de terras e nas conquistas de direitos para a população indígena, principalmente na educação com o direito à formação escolar diferenciada. Segundo a Clarice Cohn:

Esse termo tenta dar conta da particularidade da condição indígena: tendo conquistado sua parte no direito universal à educação escolar – os índios, como todo cidadão brasileiro, passam a ter direito à educação escolar, enquanto, por outro lado, o Estado passa a ter a obrigação de provê-lo –, conquistam também o direito de que a escola respeite sua cultura, língua e processos próprios de ensino e aprendizado. (COHN, 2005, p. 486)

Esse movimento em busca de reconhecimento étnico, e que exigia o cumprimento da constituição, atingiu grandes proporções chegando a todos os estados, inclusive ao Ceará, onde aos poucos alguns representantes começaram a se organizar para lutar pelos seus direitos, principalmente na região dos Inhamuns, com destaque para algumas cidades, como Crateús, Quiterianópolis, Ipueiras e Poranga, em que várias lideranças indígenas surgiram.

Segundo o PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Jardim das Oliveiras (p. 26-27), nessa época as lideranças indígenas de Poranga já se articulavam em parceria com a Pastoral Raízes Indígenas e a Associação Missão Tremembé (AMIT), sobre a possibilidade de ter uma educação diferenciada que reforçasse a cultura indígena e valorizasse a história dos seus antepassados. Em 1999, conseguiram abrir uma sala de aula na cidade de Poranga/CE para atender ao público com Educação diferenciada de Jovens e

2- Pajés e anciões das aldeias.

Adultos. Em 2001, mais duas salas foram abertas, uma de Educação Infantil e outra de Educação de Jovens e Adultos, também dando ênfase ao ensino diferenciado, ou seja, voltado para a cultura indígena. Em 2002, é criado o Conselho dos Povos Indígenas de Poranga (CIPO), o movimento indígena em Poranga ganhou mais força e o apoio de órgãos como FUNAI³ e SEDUC⁴. Com a procura aumentando, novas turmas eram abertas, mas as aulas eram dadas em lugares improvisados como: algumas casas alugadas, garagens cedidas por moradores, embaixo de cajueiros e muitas vezes nas residências dos próprios professores. Em 2004, começou a construção do seu espaço físico, o que se estendeu até 2006, quando, finalmente, ficou pronta. No dia 27 de janeiro do mesmo ano, a escola foi, enfim, inaugurada e entregue às comunidades indígenas dos Tabajaras e Kalabaças.

Oficialmente, a escola indígena foi criada em 31 de julho de 2000, no bairro Jardim das Oliveiras, na zona urbana, com apenas uma sala de aula. Entretanto o seu espaço físico ficou pronto apenas em janeiro de 2006. O primeiro nome dado à escola foi “Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Jardim das Oliveiras”, que passou a se chamar, posteriormente, “Escola Indígena Jardim das Oliveiras”. No decorrer desses processos de lutas e conquistas, diversas lideranças indígenas se capacitaram para exercer a atuação docente na referida escola, assumindo o papel de transformadores sociais, tratando de assuntos sobre a cultura indígena da região, cultivando o respeito pelas diferenças e fortalecendo, ainda mais, as suas raízes. A escola atende, primordialmente, a comunidade indígena descendente de duas etnias denominadas de Tabajara e Kalabaça. A instituição dispõe de um laboratório de informática, uma biblioteca, uma área administrativa, uma área de serviços e um campinho de areia. Atualmente a escola conta com 28 professores e atende mais de 400 alunos, entre indígenas e não indígenas. Os níveis de ensino ofertadas são: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II⁵, Ensino Médio, além da modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Atendimento Educacional Especializado (AEE). (PPP, 2017, p. 17-18)

Sobre a relação escola/comunidade, o PPP destaca que:

3 Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em: 6 de jun. 2018.

4 Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. <<http://www.educacao.am.gov.br/institucional/a-secretaria/>>. Acesso em: 6 de jun. 2018.

5 “Ensino Fundamental I e II” é referido no Projeto Político Pedagógico da Escola Jardim das Oliveiras, para representar as turmas de 1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A Escola Indígena Jardim das Oliveiras está a serviço da comunidade indígena e não indígena, respondendo a seus anseios e atendendo às suas demandas, formando as crianças e os jovens de acordo com seus ideais e padrões culturais. Há também a participação ativa das lideranças Tabajara e Kalabaça nas decisões para o fortalecimento da nossa cultura e o crescimento das lideranças como um todo. As trocas de experiências entre os sábios e os alunos são de fundamental importância nesse processo de ensino-aprendizagem. (PPP, 2017, p. 11).

A Escola conta ainda com um pequeno museu dentro de suas dependências, chamado; “Oca da memória dos povos tabajaras e kalabaças” onde ficam uma variedade de artefatos que retratam a história do seu povo e de suas tradições:



Figura 1: Utensílios de propriedade dos antepassados das etnias locais.



Figura 2: Machado. Instrumento utilizado nas atividades laborais indígenas.

A escola é fruto de muito trabalho e lutas em um esforço contínuo e conjunto de toda comunidade indígena de Poranga/CE. É incalculável o valor e a representatividade que essa instituição tem para os indígenas da cidade no tocante ao trabalho de resgate, preservação e respeito a cultura indígena.

2. JUSTIFICATIVA

O proponente da presente pesquisa relata que desde a sua entrada no curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus* de Sobral, e consecutivo conhecimento da criação da Lei Nº 11.769/2008⁶ que torna obrigatório, mas não exclusivo⁷ o ensino de música no componente curricular Artes nas escolas de todo território nacional, surgiu um forte questionamento sobre onde e de qual maneira estava acontecendo esse ensino. O pesquisador relata sua formação básica integral em escola pública e, ao mesmo tempo, o fato da não existência de aulas de música no decorrer do seu processo formativo. Quando informado que havia em sua cidade natal, Poranga/CE, a existência de uma escola indígena, suscitou um desejo de saber se nesta existia o ensino de música e, em caso afirmativo, como se davam os processos de ensino-aprendizagem, bem como a maneira como professores lidavam com as diferenças culturais no momento da aula de artes/música.

A ascensão dos movimentos indígenas ocorreu um pouco depois da criação da Constituição Federal de 1988, que assegurou aos povos indígenas o respeito à sua organização social, costumes, línguas, crenças, tradições e o direito às terras que tradicionalmente ocupam. Além disso, essa Constituição também assegurou o direito ao índio de ter uma educação diferenciada que visa a valorização da sua cultura e do seu jeito de ser. Existem alguns trabalhos que tratam do ensino diferenciado, mas poucos que tratam do ensino de música nessas instituições de ensino. Acreditamos que essa pesquisa será de grande ajuda para iniciar a discussão em questão e, até mesmo, contribuir para pesquisas futuras com temas relacionados à Educação Diferenciada/Ensino de Música. Essa pesquisa poderá corroborar para desmistificar a visão pejorativa que possa existir ao se falar em índio e educação diferenciada, principalmente no local onde se localiza a escola estudada.

⁶ Já existe uma lei mais atual: Lei nº 13.278/2016.

⁷ A música não é exclusiva, porque além dela deverão ser ensinados os conteúdos; Artes visuais, Artes cênicas e Dança.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

- Esse trabalho tem como o objetivo principal compreender como acontece a formação musical dos alunos na Escola Indígena Jardim das Oliveiras de Poranga/CE, levando em consideração as especificidades da instituição de ensino.

3.2 Específicos

- Analisar os elementos do PPP da escola que abordam a música.
- Observar como a música é trabalhada pelos professores e como se dá sua abordagem.
- Observar o papel do toré no cotidiano da escola.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

O universo de investigação deste trabalho teve como público-alvo professores e estudantes da Escola Indígena Jardim das Oliveiras da cidade de Poranga/CE. Devido à quantidade de participantes deste universo investigativo, trabalhamos na perspectiva de amostragem, no intuito de coletar informações significativas a respeito dos sujeitos participantes.

A pesquisa caracteriza-se como um Estudo de Caso:

O Estudo de Caso caracteriza-se como o estudo profundo de um objeto, de maneira a permitir amplo e detalhado conhecimento sobre o mesmo, o que seria praticamente impossível através de outros métodos de investigação, afirmam Goode e Hatt (1973). Os autores caracterizam o Estudo de Caso como um meio de organizar dados e reunir informações, tão numerosas e detalhadas quanto possível, a respeito do objeto de estudo de maneira a preservar seu caráter unitário. A totalidade do objeto pode ser preservada através da amplitude e verticalidade dos dados, através dos diferentes níveis de análise, da formação de índices e tipos de dados, bem como da interação entre os dados observados e a dimensão temporal em que se dá o fenômeno. (PEREIRA *et al*, 2009, s/p.)

Ainda sobre a pesquisa Estudo de Caso:

Para Leonard-Baxton (1990), um estudo de caso é definido (...) como história de fenômeno passado ou corrente, desenhada a partir de múltiplas fontes de evidência, no qual se pode incluir dados de observação direta e entrevistas sistemáticas, bem como de arquivos públicos e privados. Em tese, cada fato relevante para o conjunto de eventos descritos no fenômeno é dado potencial para o estudo de caso. (MARLEI POZZEBON, HENRIQUE M. R. de FREITAS, 1998, p. 153)

Para tal, o trabalho em questão utilizou-se dos seguintes instrumentos de coleta de dados: 1. Pesquisa documental, visando buscar dados relevantes em torno da temática investigada que corroboram o trabalho (fotos, documentos oficiais, etc.); 2. Pesquisa bibliográfica, buscando suporte para a definição de conceitos, fundamentação teórica e contextualização do estudo dentro do universo científico em geral; 3. Pesquisa de campo com o propósito de coletar informações importantes que ajudem na compreensão do caso. 4. Pesquisa quantitativa.

4.1. Uma revisão da literatura sobre os PPPs

Um Projeto Político Pedagógico, como documento norteador das ações pedagógicas da escola, tem grande importância e a criação dele deve acontecer sobre um olhar reflexivo para o presente e com ações que deverão ser realizadas no futuro, como aponta GADOTTI:

A palavra projeto traz imiscuída a ideia de futuro, de vir-a-ser, que tem como ponto de partida o presente (daí a expressão “projetar o futuro”). É extensão, ampliação, recriação, inovação, do presente já construído e, sendo histórico, pode ser transformado: “um projeto necessita rever o instituído para, a partir dele, instituir outra coisa. Tornar-se instituinte”. (GADOTTI, 2000 p. 22).

Apesar da relevância desse documento, ainda existe, às vezes, uma visão simplista de que ele é apenas um documento meramente burocrático, fazendo com que se perca uma excelente chance de organizar o trabalho pedagógico da instituição de ensino:

Diante deste discurso, percebemos o quanto a escola perde se não considerar a importância dos docentes abraçarem a ideia da construção do Projeto Político Pedagógico e com este instrumento assumir o compromisso em relação às valiosas contribuições de sua prática pedagógica e possíveis sugestões que poderão ser planejadas e executadas em prol da melhoria na qualidade da educação da unidade escolar. Há de se convir que seja os professores que contribuem com os aportes teóricos para fundamentar as opiniões expressas por todos os participantes da construção do PPP, bem como na redação técnica deste instrumento.
(Sebastião José Estevam, Patrícia Regina de Moraes, Indira Coelho de Souza, Denise Almada de Oliveira Pinto, Carmecita Ignatti p.7)

A construção do PPP deve ser um esforço conjunto entre docentes, pais e comunidade, mas principalmente dos professores que vivenciam as dificuldades e desafios diários em sala:

O Projeto Político Pedagógico oferecerá caminhos indispensáveis à montagem do trabalho pedagógico da Escola, englobando também o trabalho do docente na ação interna da sala de aula. Para a organização do PPP é de suma importância a ação de todos os que fazem parte do funcionamento da escola. Com isso, fica claro que é preciso agir em conjunto, só assim, é possível haver um bom funcionamento no dia-a-dia da vida escolar. (SESI, 2016, p.6-7)

Essa construção coletiva, voltada para a realidade da escola está respaldada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), no artigo 15, concedeu à escola progressivos graus de autonomia pedagógica, administrativa e de

gestão financeira. O que isso significa? Ter autonomia significa construir um espaço de liberdade e de responsabilidade para elaborar seu próprio plano de trabalho, definindo seus rumos e planejando suas atividades de modo a responder às demandas da sociedade, ou seja, atendendo ao que a sociedade espera dela. A autonomia permite à escola a construção de sua identidade e à equipe escolar uma atuação que a torna sujeito histórico de sua própria prática. (SESI, 2016, p. 7)

O PPP é um documento programático, responsável pela organização da instituição de ensino e nele deve conter as melhores ideias, fundamentos e orientações curriculares possíveis.

(...) o projeto político-pedagógico da escola pública, eixo ordenador e integrador do pensar e do fazer do trabalho educativo. Se concebido adequadamente, (...) revela quem é a comunidade escolar, quais são seus desafios com relação à boa formação, à conquista da autonomia e da gestão democrática, capaz está de organizar, executar e avaliar o trabalho educativo de todos os sujeitos da escola (...) Eis o nosso desafio, recolocar o projeto político pedagógico no centro de nossas discussões e práticas, concebendo-o como instrumento singular para a construção da gestão democrática. (SILVA, 2003, p. 298)

Isso retrata também o caráter sócio-político do PPP na formação de cidadãos criativos, responsáveis, participativos e críticos. Um projeto que discorre sobre todos os aspectos importantes apontados até aqui, terá grande impacto não somente no meio escolar, mas também na comunidade em que a escola está inserida.

4.2. Construindo uma metodologia

Procuramos analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena Jardim das Oliveiras, tendo a consciência da sua relevância e buscando entender como foi idealizado o ensino da música na escola. Foi averiguado em quais disciplinas o conteúdo música aparece. Com a análise do PPP, constatamos que a música aparece em todas as etapas do ensino, exceto na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Feita essa análise inicial, partimos para a averiguação do que é feito na prática pelos professores, através de conversas e a aplicação de um questionário contendo catorze perguntas, das quais treze eram questões fechadas e apenas uma aberta. Optamos por um questionário composto principalmente por perguntas fechadas, na tentativa de obter respostas mais precisas e objetivas possíveis. Após a obtenção de todos os dados necessários, finalmente, comparamos o conteúdo referente a música que aparece no PPP, com a prática relatadas pelos professores através dos questionários. Posteriormente, ocorreu também a aplicação de um questionário aos alunos do 1º, 2º e 3º Ano do Ensino Médio,

contendo sete perguntas fechadas, com o objetivo de conhecer mais a fundo, qual o perfil da formação desses alunos e quais são suas práticas e gostos musicais. A aplicação destes questionários dirigidos aos professores e aos alunos, com perguntas em sua maioria fechadas, tem o intuito de coletar dados que aprimorem o olhar investigativo. Ressalta-se também que na aplicação do questionário, foi solicitada a autorização dos participantes para uso das informações na pesquisa acadêmica e será garantido o anonimato dos mesmos.

O processo de análise de dados teve como base: a) Análise do PPP da Escola Indígena Jardim das Oliveiras em busca das disciplinas que contemplam o conteúdo musical; b) Aplicação de questionário para o corpo docente da escola, com perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de aferir em quais disciplinas o conteúdo musical é aplicado na prática e de que forma ele é utilizado; c) Comparação do que é proposto no PPP referente ao conteúdo musical e o que é realizado na prática na Escola Indígena Jardim das Oliveiras; d) Aplicação de questionários para os alunos do 1º, 2º e 3º Ano do Ensino Médio da escola, com perguntas fechadas, com o objetivo de compreender como ocorreu a formação musical desses alunos. e) Observação do ritual sagrado toré, uma das principais expressões culturais dos povos Tabajaras e Kalabaças que ocorre na escola, e entrevista com seus participantes.

5. O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA JARDIM DAS OLIVEIRAS - PORANGA/CE

5.1 Análise do Projeto Político Pedagógico (PPP).

O PPP da Escola Indígena Jardim das Oliveiras foi feito no ano de 2000, e recebeu uma grande reformulação em 2014, que contou com a participação de pais, alunos, professores e lideranças da comunidade. Ocorreram ainda mudanças (sempre com o esforço mútuo entre escola e comunidade) até que se chegasse na versão de 2017 que foi analisada.

O PPP está organizado da seguinte maneira, primeiro com uma introdução que contextualiza que ele foi idealizado em alinhamento com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação diferenciada. Em seguida, destaca como são rápidas as mudanças sociais, políticas e tecnológicas de nossos tempos, e define como papel da educação “promover a capacidade de aprendizado permanente e intercultural desenvolvendo instrumentos para atividades intelectuais, coletivas e inovadoras, como a capacidade de expressão, de comunicação e de aquisição de informações, a criatividade, o enriquecimento cultural e o equilíbrio emocional para a confrontação de ideias”. (PPP, 2017, p. 6)

Partindo desses princípios:

(...) a escola adota como metodologia uma educação interdisciplinar buscando desenvolver o aprender a aprender, o aprender a fazer, o aprender a conviver e aprender a ser, favorecendo o desenvolvimento das inteligências múltiplas convivendo com o novo sem perder características próprias da nossa cultura indígenas, valorizando-a considerando a grande diversidade cultural e étnica dos nossos povos. (PPP, 2017, p.6).

Destaca-se no PPP a concepção de ensino da escola:

A Escola Indígena Jardim das Oliveiras tem como concepção de ensino a construtivista pois o foco do ensino para nossos educandos não é copiar ou reproduzir e sim um sujeito ativo e participativo no processo de ensino aprendizagem, sendo-o capaz de construir uma representação própria sobre os conteúdos que lhes são repassados. (PPP, 2017, p.10).

O PPP ainda discorre sobre seus objetivos gerais e específicos, filosofia da escola, caracterização, marco referencial, comunidade/escola, avaliação, histórico da escola, dados de identificação, organização administrativa pedagógica, recursos humanos e por

último sobre a organização curricular de todas as etapas da educação, ponto este onde darei maior enfoque devido sua relevância para a pesquisa.

A organização curricular da escola está distribuída em educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA). A matriz curricular das disciplinas está subdividida em três parâmetros principais; competências, conteúdos e metodologia, que segundo o diretor da instituição:

Competências são objetivos que o aluno tem que desenvolver naquele conteúdo, são as habilidades que ele precisa adquirir. Conteúdos são os temas, os assuntos a serem estudados. Ex. Uma música, uma história, uma pesquisa etc. Metodologias é como será feito esse estudo do conteúdo, para que o aluno tenha maior facilidade em aprender. (Sérgio Marques, diretor da Escola Indígena Jardim das Oliveiras)

A análise da matriz curricular foi feita de forma sistemática, primeiramente com a Educação Infantil, depois Ensino Fundamental, Ensino Médio e, por último, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), inicialmente pensávamos em investigar a incidência da música, fazendo distinção entre a música indígena e não-indígena em todas essas etapas da educação, entretanto ao analisarmos as matrizes curriculares da Educação Infantil até Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), não foi percebida uma distinção clara entre a música indígena e não indígena. Ficou perceptível que sempre que a música aparece é em um sentido abrangente, não havendo um direcionamento para nenhuma categoria específica, como por exemplo: músicas ocidentais, músicas indígenas, músicas afro, etc. Em razão disso, averiguamos quando a música ou o toré aparecem como competências, conteúdos ou metodologias e, a partir dessa análise, podemos fazer um paralelo entre o apresentado na matriz curricular com a prática realizada pelos professores no cotidiano da escola.

5.1.1 Educação Infantil

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Língua portuguesa	-----	-Música;	-----
Matemática	-Trabalhar músicas infantis para desenvolver a fala; - Trabalhar músicas dos números para melhor aprendizado dos alunos em formação.	- Músicas;	- Músicas;

Tabela 1: Competências, conteúdos e metodologias na Educação Infantil

No PPP da escola, a Educação Infantil está dividida em duas disciplinas; língua portuguesa e matemática, como aparece na tabela acima. Na disciplina de língua portuguesa a música aparece apenas como conteúdo, enquanto que na disciplina de matemática ela aparece como competência, conteúdos e metodologia. Em ambas as disciplinas não há menção ao Toré. Apesar de não conter a disciplina de artes, a música encontra-se em 11,7% da educação infantil.

5.1.2 Ensino Fundamental

O Ensino Fundamental está dividido em nove anos, do 1º ao 9º ano, sendo que do 1º até o 5º ano são trabalhadas seis disciplinas: português, matemática, história, geografia, ciências e artes. Do 6º à 9º ano são trabalhadas dez disciplinas: língua portuguesa, matemática, história, geografia, inglês, ciências, legislação, arte educação, relações humanas e educação física. A Partir do 4º ano, acontece uma mudança na nomenclatura da disciplina de arte, que passa a chamar-se, arte educação.

1º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Matemática	-----	-----	-Músicas com números;
Artes	-----	-Instrumentos musicais; -Música;	-----
História	-Conhecer, cantar as músicas do Toré.	-Músicas;	-----
Português	-Conhecer as cantigas de roda.	- Músicas;	-Utilizar dinâmicas, músicas jogos.

Tabela 2: Competências, conteúdos e metodologias no 1º ano do E. Fundamental

No 1º ano a música aparece como conteúdo nas disciplinas de artes, história e português; ela está como competência nas disciplinas de história e português; Além de estar como metodologia nas disciplinas de matemática e português. Não há menção à música nas disciplinas de ciências e geografia. O Toré só aparece na disciplina de história, como competência.

2º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Ciências	-Valorizar e respeitar as nossas rezas e nosso ritual sagrado: Toré;	- O Toré;	-----
Artes	- Desenvolver as habilidades artísticas;	- Músicas;	- Músicas;

Tabela 3: Competências, conteúdos e metodologias no 2º ano do E. Fundamental

No 2º ano a música está como conteúdo, competência e metodologia na disciplina de arte. Não há menção dela nas disciplinas de português, matemática, história e geografia. O Toré aparece como competência e conteúdo na disciplina de ciências.

3º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Artes	-Desenvolver as habilidades artísticas;	-Músicas;	-Músicas;

Tabela 4: Competências, conteúdos e metodologias no 3º ano do E. Fundamental

No 3º ano a música aparece como conteúdo, competência e metodologia na disciplina de arte. Não há menção dela nas disciplinas de português, matemática, história, geografia e ciências. O toré não é citado em nenhuma disciplina.

4º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Ciências	-----	-----	-Conhecer as rezas e rituais do nosso povo: Toré
Arte Educação	-----	-Danças e músicas;	-----

Tabela 5: Competências, conteúdos e metodologias no 4º ano do E. Fundamental

No 4º ano a disciplina de arte muda de nomenclatura, e passa a chamar-se Arte educação, a música está apenas como conteúdo na disciplina de arte educação. Não há menção dela nas disciplinas de português, matemática, história e geografia. O toré aparece apenas na disciplina de ciências como metodologia.

5º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
História	-----	-----	-Músicas, danças, pesquisas;
Geografia	-----	-----	-Músicas, peças teatrais
Artes Educação	-Fazer com que os alunos desenvolvam sua comunicação através de suas habilidades artísticas; -Desenvolver suas habilidades artísticas	-Desenho, poemas, música, textos e outros;	-Criação de músicas e poemas;

Tabela 6: Competências, conteúdos e metodologias no 5º ano do E. Fundamental

No 5º ano a música aparece como conteúdo, competência e metodologia na disciplina de arte educação. Aparece como metodologia nas disciplinas de história e geografia. Ela não é mencionada nas disciplinas de língua portuguesa, matemática e ciências. O toré não aparece em nenhuma disciplina

6º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Legislação	-----	-----	-Palestra, reflexão, música, brincadeiras.
Artes Educação	-Desenvolver dons artísticos através das nossas artes;	-Poesias, danças, músicas, poemas; -Som; -Música -Hinos Oficiais;	-Linguagem sonora (sons da natureza, vocal, instrumental, eletrônico e mecânico) -Propriedades do Som (altura, duração, intensidade e timbre) -Fundamentos conceituais (Elementos da linguagem musical (ritmo, melodia e harmonia), -Instrumento vocal (Anatomia e fisiologia da voz); -Instrumentos musicais (classificação e diversidade). -Música indígena e Afro-brasileira (noções básicas) Fundamentação histórica; -Composição literária e musical;
Educação Física	-----	-Danças como Toré, Torém, jurema;	-----

Tabela 7: Competências, conteúdos e metodologias no 6º ano do E. Fundamental

No 6º ano a música aparece como conteúdo, competência e metodologia na disciplina de arte educação e como metodologia na disciplina de legislação. A música não aparece nas disciplinas de língua portuguesa, matemática, história, geografia, inglês, ciências, relações humanas e educação física. O Toré aparece apenas como conteúdo na disciplina de educação física.

7º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Legislação	-----	-----	-Palestras, reflexão, músicas, brincadeiras.
Artes Educação	-Desenvolver dons artísticos através da nossa arte; -Reconheçam estilos musicais das diferentes épocas e período de diferentes culturas.	-Poesias, danças, músicas, poemas; -Músicas	-História da música Cearense e Brasileira: Folclórica (Afro-brasileira) Popular. -Movimentos da música popular brasileira: -A bossa nova – o tropicalismo, Jovem Guarda e tendência atual). Erudita. (Obras e autores) -Hinos Oficiais: Fundamentação histórica - Composição literária e musical Obras e Autores
Educação Física	-----	-Danças como Toré, Torém, jurema;	-----

Tabela 8: Competências, conteúdos e metodologias no 7º ano do E. Fundamental

No 7º ano a música aparece como conteúdo e metodologia na disciplina de arte educação, e como metodologia na disciplina de legislação. A música não aparece nas disciplinas de língua portuguesa, matemática, história, geografia, inglês, ciências, relações humanas e educação física. O Toré é citado apenas como conteúdo na disciplina de educação física.

8º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Legislação	-----	-----	-Palestras, reflexão, músicas, brincadeiras.
Artes Educação	-Desenvolver dons artísticos através das nossas artes; -Utilizar a linguagem musical como meio de comunicação, expressão artística e estética de ideias, sentimentos e de integração no seu meio sociocultural.	-Poesias, danças, músicas, poemas -Músicas	-História da música Cearense e Brasileira: Folclórica (Afro-brasileira) Popular. -Movimentos da música popular brasileira: -A bossa nova – o tropicalismo, Jovem Guarda e tendência atual). Erudita. (Obras e autores) -Hinos Oficiais: Fundamentação histórica -Composição literária e musical Obras e Autores
Educação Física	-----	-Danças como toré; torém;	-----

Tabela 9: Competências, conteúdos e metodologias no 8º ano do E. Fundamental

No 8º ano a música aparece como conteúdo e metodologia na disciplina de arte educação, e como metodologia na disciplina de legislação. A música não aparece nas disciplinas de língua portuguesa, matemática, história, geografia, inglês, ciências, relações humanas e educação física. O Toré aparece na disciplina de educação física como conteúdo.

9º ano do E. Fundamental I

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Geografia	-----	-----	-Músicas;
Legislação	-----	-----	-Palestras, reflexão, músicas, brincadeiras.
Artes Educação	-Desenvolver dons artísticos através das nossas artes; -Valorizar a produção artística de nossos alunos;	-Poesias, danças, músicas, poemas;	-----
Educação Física	-----	-Danças como Toré, torém, jurema;	-----

Tabela 10: Competências, conteúdos e metodologias no 9º ano do E. Fundamental.

No 9º ano a música está apenas como conteúdos na disciplina de arte educação, e em metodologias na disciplina de legislação e geografia. A música não aparece nas disciplinas de língua portuguesa, matemática, história, inglês, ciências, relações humanas e educação física. O Toré aparece como conteúdo na disciplina de educação física.

5.1.3 Ensino Médio

No Ensino Médio ocorrem algumas mudanças na matriz curricular, saem as disciplinas de ciências, legislação e relações humanas, e entram as de biologia, química, física, sociologia e filosofia, somando um total de 12 disciplinas.

1º Ano do Ensino Médio

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Língua Portuguesa	-----	-----	Comparação de expressão literária com outras formas de expressão artística (cinema, vídeo, fotografias, música, pintura, esculturas e outros.)
Arte Educação	-Reconhecer a importância das linguagens artísticas e estéticas como instrumento de participação política, social, cultural e cidadã do homem, compreendendo os fundamentos conceituais das artes visuais, cênicas musicais, audiovisuais e corporais, como recursos de informação, comunicação, interpretação, necessários à formação da cidadania.		
Inglês	-----	-----	-Reconhecimento das variações linguísticas através de músicas e/ou filmes.

Tabela 11: Competências, conteúdos e metodologias no 1º ano do E. Médio

No 1º ano a música está apenas como competência na disciplina de arte educação, e como metodologia na disciplina de língua portuguesa e inglês. A música não aparece de nenhuma forma nas disciplinas de matemática, geografia, história, biologia, química, física sociologia, filosofia e educação física. O toré não aparece em nenhuma disciplina.

2º Ano do Ensino Médio

No 2º ano, a disciplina de antropologia passa a fazer parte da matriz curricular e a disciplina de arte educação deixa de fazer parte dela. Não há menções à música e nem ao toré.

3º Ano do Ensino Médio

Disciplina	Competência	Conteúdos	Metodologias
Inglês	-----	-----	Exposição de vídeos, filmes e músicas.

Tabela 12: Competências, conteúdos e metodologias no 3º ano do E. Médio

No 3º ano, apesar de não conter a disciplina de arte educação a música é citada como metodologia na disciplina de inglês. Não há menções à música e nem ao toré nas disciplinas de língua portuguesa, matemática, geografia, história, biologia, química, física sociologia, filosofia, antropologia e educação física.

5.1.4 Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Na EJA contém apenas 6 disciplinas, são elas: língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências. Tanto a música como o toré não são citados em nenhuma delas.

Depois de examinado onde a música aparece como metodologia, competências e conteúdo em cada etapa da educação, foi possível traçar a frequência com que ela é prevista no PPP, em relação às metodologias, competências e conteúdo de outras disciplinas. Com isso chegamos nesse gráfico:

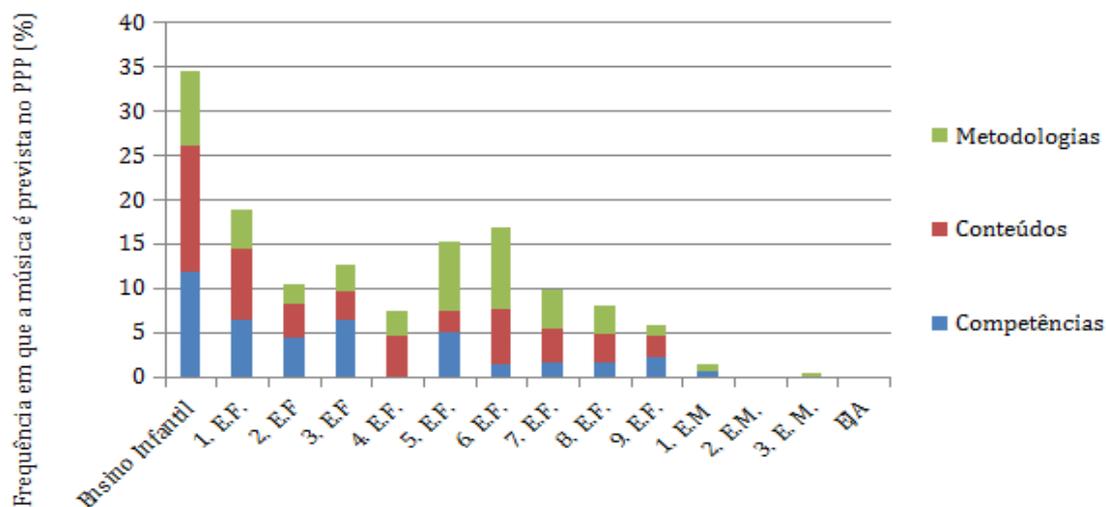


Gráfico 1: Frequência em que a música é prevista no PPP(%)

O gráfico mostra como a música é trabalhada de forma mais intensa durante o ensino infantil e 1º ano do ensino fundamental, e depois oscila um pouco até chegar no 6º e 7º anos, onde cresce novamente a presença da música apesar de não ser tão acentuado quanto no ensino infantil. Após esse momento de intensificação a música começa a declinar até chegar no 2º ano do ensino médio, quando ela não é mais mencionada, exatamente quando a disciplina de arte educação deixa de fazer parte da matriz curricular. No 3º ano, a música volta a ser citada na disciplina de inglês. O gráfico mostra que no 4º ano do ensino fundamental a música não é mencionada como competência e no 1º ano do ensino médio ela não é citada como conteúdo. Não fica claro o porquê desses sumiços.

A música aparece em 25% da disciplina de artes. Os anos onde há a maior presença da música na disciplina artes são, no 6º ano com 41,4%, 5º ano com 30,8% e 8º ano com 30%. As séries onde há a menor presença da música na disciplina de artes são, 1º do ensino médio com 4,8%, 4º ano com 12,5% e 9º ano com 15%. De todas as vezes que a música foi mencionada no PPP, 42,7% foi como metodologia, 32% como conteúdo e 25,3% como competência. Fica evidente a predominância da música como metodologia. Isso realça uma característica da música como ferramenta facilitadora do aprendizado. Apesar de a música oscilar bastante durante todas as fases da educação, podemos considerar que ela está bem presente no PPP, temos que considerar que até em anos onde não existe a disciplina artes, a música é citada, demonstrando que apesar de ainda não ser o ideal, a música está bem presente no PPP da escola.

A presença da música fica mais evidente quando observada o quanto ela aparece na disciplina de artes, apesar dela dividir espaço com outros conteúdos obrigatórios como, artes plásticas, artes cênicas e dança.

O toré aparece inicialmente no 1º ano do E. Fundamental na disciplina de história, como competência. Depois no 2º ano como competência e conteúdo na disciplina de ciências e no 4º ano como metodologia, também na disciplina de ciências. Por último, o toré aparece no 6º, 7º, 8º e 9º anos na disciplina de educação física, sempre como conteúdo. Quando ele aparece na disciplina de história é o único momento em que há menção direta às músicas cantadas no toré. Na disciplina de ciências, o toré aparece como ritual sagrado. Em educação física ele é citado como uma dança, o que justifica sua presença na disciplina.

No PPP, percebe-se que o toré é mencionado principalmente como uma manifestação cultural, que representa a cultura indígena. Por ser muito rico em significados e elementos (músicas, dança, pintura corporal, religiosidade, etc.), aspectos muito característicos da cultura indígena, ele pode ser usado em diversas disciplinas como metodologia de ensino, como no caso dos índios Potiguara da Paraíba:

(...) o Toré e as músicas indígenas como metodologia de ensino para a geografia escolar. Partindo da musicalidade da etnia Potiguara, as músicas indígenas se apresentam como possibilidade de instrumento para o ensino-aprendizagem de geografia, tendo como base o processo de valorização cultural e a busca pela fundamentação de uma identidade étnica. E, demonstra a importância da música, enquanto recurso didático para o ensino de geografia, evidenciando as relações entre o espaço geográfico e o ensino de geografia a partir das músicas e a preservação e (re)afirmação da identidade étnica cultural do povo Potiguara. (SILVA, RAMOS, 2018, p. 02)

Como podemos observar, as próprias características do toré, permite que ele seja utilizado em diferentes contextos e em várias matérias, como foi o caso constatado no PPP da Escola Jardim das Oliveiras. Mais adiante, trataremos com mais profundidade sobre o toré.

5.2 Utilização prática da música pelos docentes da escola

Com o objetivo de averiguar como a música é trabalhada na escola e qual é a formação musical dos professores, foi aplicado um questionário presencialmente junto aos professores da Escola Indígenas Jardim das Oliveiras. Estes se mostraram receptivos e interessados em colaborar com a pesquisa em questão. O referido instrumento contém 12

(doze) questões de caráter predominantemente fechado, tendo apenas uma questão aberta. Apresentamos a seguir os resultados adquiridos:

Na instituição atuam 28 docentes, destes 73% responderam o questionário. 15,5% dos respondentes do questionário se declararam do sexo masculino, 84,5% do sexo feminino. Há, portanto, uma grande predominância de mulheres no corpo docente da escola.

Apenas um dos profissionais não têm graduação concluída; quanto aos demais, 95% possui ensino superior concluído. Destes, 72% concluíram ou estão matriculados em uma pós-graduação. Sobre suas respectivas formações, 22% são formados em letras, 16,5% são formados em pedagogia, 11% tem formação na área de gestão escolar, 11% em história; 11% psicopedagogia institucional e clínica, 5,5% em filosofia, 5,5% em meio ambiente, 16,5% não declararam a formação acadêmica. Ao todo 16,5% mencionaram ter duas formações. Os profissionais entrevistados atuam com as disciplinas de português, matemática, filosofia, inglês, legislação, história, geografia, ciências, ensino religioso, educação infantil, artes, sociologia, biologia, química, física, educação física, cultura arte e espiritualidade, educação indígena.

Além disso, catalogou-se que 42% dos professores atuam em duas ou mais etapas do ensino. Do total de professores, 26% atuam no Ensino Infantil, 85% no Ensino Fundamental, 26% no Ensino Médio e 21% na Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Quando questionados sobre o fato de possuírem formação musical e de acordo com a interpretação que eles tiveram sobre o quesito “formação”, 89,5% declararam não possuir formação musical, 10,5% informaram ter tido contato com formação musical. Foram mencionadas disciplinas correlatas cursadas na graduação, formações complementares e oficinas.

Ademais, 31,5% afirmaram possuir habilidade musical (cantar ou tocar algum instrumento musical), as práticas mencionadas foram: canto, maracás, flauta doce, pandeiro e atabaque; 95% responderam que recentemente não participaram de nenhum curso, oficina ou seminário na área musical e, apenas 5% relataram ter participado recentemente de algum curso, oficina ou seminário na área musical.

Acerca da utilização de atividades musicais em suas disciplinas, 79% dos professores responderam positivamente e 21% responderam que não realizam atividades musicais.

Dentre as atividades musicais listadas no questionário, as mais realizadas pelos professores em suas disciplinas são respectivamente: apreciação musical, canto, atividades

para desenvolver a capacidade auditiva, movimentação, execução de músicas para formação de hábitos e dança. Identificação de instrumentos musicais, improvisação, composição ou criação de músicas e história da música, foram apontadas por três vezes pelos respondentes. Execução de instrumentos musicais, visitação a espetáculos musicais, e visitas a escolas de músicas, orquestra, corais e outras instituições foram citadas apenas uma vez.

Quando questionados sobre a compreensão do papel que a música exerce na sua disciplina, as alternativas mais assinaladas foram:

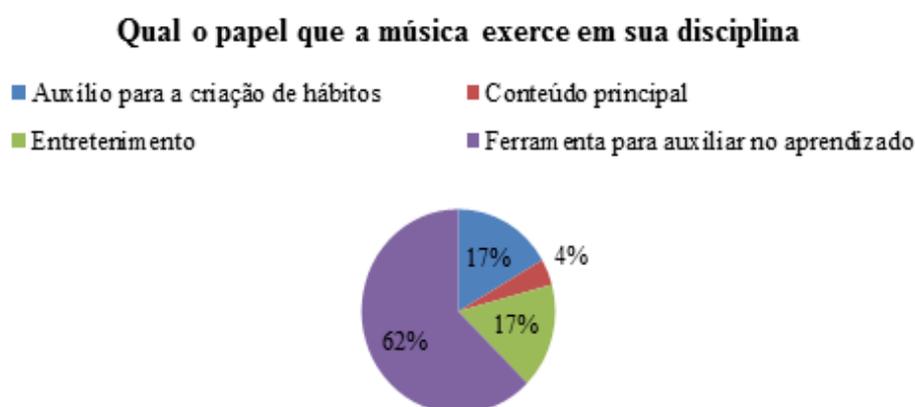


Gráfico 02: Papel que a música exerce nas disciplinas

Fica claro como a música ainda é usada na maioria das vezes como auxílio para outras disciplinas, seja como ferramenta para o aprendizado, para criação de hábitos ou como entretenimento. Ela ainda é pouco explorada como conteúdo principal, como um conhecimento a ser adquirido. Quanto à receptividade por parte dos alunos, segundo a percepção dos professores que realizam atividades musicais: 63% consideraram “boas” as atividades; e 37% consideraram “excelentes” as atividades. Não foram referidas as alternativas “indiferente” e “ruim”.

79% dos professores afirmaram que utilizam de algum modo a música indígena em suas metodologias e 21% assinalaram que não fazem referência a música indígena.

Na única pergunta aberta do questionário, foi perguntado como os professores lidavam com os contrastes entre música indígena e a música não indígena e consoante com as respostas dos professores, foi traçado qual é a percepção deles acerca desse suposto

contraste. Para facilitar na exposição dos relatos dos professores e manter o anonimato dos mesmos, trataremos deles apenas por professor I, II, III, etc.

Sobre o tema exposto acima os professores I e II, responderam respectivamente que:

Professor I (23/05/2019): As músicas indígenas são umas das formas que usamos para não deixar a nossa cultura morrer, sendo as não indígenas necessárias também para os alunos tanto no aspecto cultural como no social.

Professor II (23/05/2019): A música indígena em si tenta nos passar os costumes fundamentais para a cultura, já a música não indígena tem outros propósitos, às vezes desagradáveis para nossos costumes.

Esse aspecto de valorização e preservação que a música indígena traz foi muito recorrente nas respostas. Podemos observar o quanto é forte o poder da música, o professor II, relata que: “Procuro trabalhar músicas indígenas para desenvolver o hábito, compreensão e aceitação da cultura da nossa comunidade, pois, a maioria das músicas contam como é nossa cultura”.

Também existe uma certa dificuldade em envolver o aluno, devido a diversidades de estilos e gostos musicais. Como relata o professor III: “Há uma certa dificuldade de envolver o aluno, pois o mesmo se encontra numa sociedade com uma grande variedade de gostos musicais”.

Destacaram também o lado sagrado e espiritual que existe na música indígena, que ficou evidente pelos relatos de alguns docentes. Como, por exemplo;

Professores IV: “Ambas são importantes. A primeira, a indígena, representa o sagrado, o fortalecimento da identidade e a segunda, não indígena, é a que temos acesso nas mídias e também no cotidiano(...)”. Professor V: “A música indígena é mais para o lado da espiritualidade, de fazer com que eles aceitem e respeitem a cultura. (...)”.

Em complemento, o professor VI e VII, responderam:

Professor VI (23/05/2019): Nas músicas indígenas as crianças sentem como se fosse uma oração. Na música não indígenas eles se superam como verdadeiras crianças, com a música as crianças aprendem o todo.

Professor VII (23/05/2019): As músicas indígenas são sobre nossa cultura, os encantados, a força da natureza, da união entre os povos, ajuda a fortalecer e, a não indígena, as vezes, fortalecem também dependendo de qual e de quem seja.

As diferenças existem e são bem perceptíveis, mas todos deixaram claro que tanto a música indígena como a não indígena tem uma grande importância, principalmente,

para aumentar os conhecimentos dos alunos, e que o respeito às especificidades de cada gênero é sempre o ponto de partida para o ensino, como pode ser observado no depoimento abaixo:

Professor VIII (23/05/2019): Não existem dificuldades, sempre fazemos a predição de ambas, as mensagens tratadas nas músicas, seja indígena ou não são sempre bem trabalhadas. Sabemos que os dois tipos de músicas transmitem conhecimentos diferentes, ambas são importantes para o conhecimento e aprendizado dos alunos.

5.3 Comparação do PPP com a prática

Após as análises do PPP e do questionário aplicado ao corpo docente da escola, foi feita uma comparação entre o encontrado no PPP e as práticas relatadas pelos professores. O primeiro ponto convergente observado, foi a incidência da música; tanto no PPP como nos relatos dos docentes ela foi muito citada. Ao todo, 79% dos professores declararam que utilizam atividades musicais em suas aulas, porém, aqui também aparece a principal contraste encontrado entre a prática feita pelos professores e o observado no PPP. No PPP, das vezes em que a música é citada, 32% delas é como conteúdo e, segundo os professores que utilizam dela em sala de aula, ela aparece apenas 4% como conteúdo principal. Fica claro, que existe uma grande diferença entre o idealizado no PPP e o praticado, pelo menos no quesito música como conteúdo principal. Isso pode ter relação direta com o fato de não haver nenhum professor formado na área de música e, também, pelo fato que poucos tiveram acesso a atividades musicais em suas formações acadêmicas. Em ambas as citações a música exerce um papel de facilitadora do aprendizado, ferramenta de ensino, como metodologia. Algo que é bastante comum. Kanotyó, um dos responsáveis pela criação da *Escola Indígena Bakumuxá*, diz:

(...) Nesse contexto, utilizou a música como ferramenta de ensino: “A criança gosta de se sentir livre e com a música você pode ensinar de forma alegre e explorando vários sentidos”. Assim, ele desenvolveu um método de alfabetização através da música, compondo especialmente para o ensino de diferentes disciplinas, como matemática, história e geografia. (Ibidem, p. 68) (Revista Travessias pg119)

Outro ponto relevante que se destaca é o fato de não haver uma diferenciação clara entre músicas indígenas e não indígenas no PPP, o que dificulta a ação dos professores, já que não existe um direcionamento nesse sentido. Mas segundo os relatos dos professores eles diferenciam a música indígena das não indígenas em sala e utilizam-se desses dois

gêneros. Essa diferenciação é um ponto positivo, levando em consideração as falas dos professores quanto ao poder que as músicas indígenas têm de preservação, fortalecimento e respeito da cultura. Como é o caso que acontece na escola indígena dos Potiguaras:

Portanto, é através da música indígena, como recurso e instrumento pedagógico, que pretendemos estimular e motivar os alunos das escolas indígenas da Paraíba a aprender, a debater e a estudar sobre sua realidade, assim, tornando os conteúdos (...) mais significativos e dinâmicos, e além de tudo, apontar a melodia como um referencial importante na cultura indígena da etnia Potiguara. (Sidnei Felipe da Silva Leandro da Silva Ramos, 2018, p. 02)

Assim como a música para os indígenas, em sua grande maioria, está enraizada com alguma atividade, como manejo da terra, na pesca, nos cultos religiosos etc, com as músicas trabalhadas em sala de aula não é diferente. A partir das respostas dos professores, geralmente são utilizadas as músicas do toré e voltado principalmente para o lado sagrado do ritual.

Tanto no PPP, como pelos relatos dos docentes da instituição de ensino, o toré é sempre considerado um ritual sagrado para os Tabajaras e Kalabaças. Por vezes, dependendo da disciplina, o toré pode ser trabalhado com ênfase em algum aspecto que o compõe; a dança no ritual, suas músicas, pinturas corporais, religiosidade, etc. Sem perder sua unidade como principal expressão cultural dessas etnias.

6. PERFIL DO ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO

Os dados que serão expostos adiante, correspondem ao público total de 33 alunos, estudantes do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos) da Escola Indígena Jardim das Oliveiras. Este número representa cerca de 95% dos estudantes frequentantes desta etapa, na referida instituição de ensino. Vale ressaltar que em algumas questões os respondentes poderiam responder mais de uma alternativa.

Dos respondentes, 54,5% são mulheres, e 45,5% homens. Quanto à etnia, 66,6% identificaram-se como Tabajaras, 18,1% como Kalabaças e 15,2% não se identificaram como pertencentes de etnias indígenas.

64% dos alunos afirmaram participar da manifestação “Toré”. Ainda do total de alunos respondentes do questionário, mais de 63,6% relatam que mantém contato com o Toré por meio do ambiente escolar. 9,1% convivem com a manifestação em praças, 3% afirmam que vivenciam o Toré nas tribos e 3% responderam que participam em outros locais. 36% não consideram serem participantes da expressão cultural predita. Dos que responderam que não participam do Toré, 75% são tabajaras, 16,7% são kalabaças e apenas 8,3% não indígenas. Entre as turmas pesquisadas, as que mais participam do ritual são, respectivamente, 2º ano com 91,6% da turma participando, 1º ano com 53,3% da turma e o 3º ano com apenas 33,4% da turma participando do toré.

Com o objetivo de compreender o perfil de gosto musical do aluno e consequentemente corroborar a investigação da utilização da música na referida instituição e de seu impacto na vida dos estudantes, estes foram questionados sobre suas preferências musicais. Obtivemos os seguintes resultados:

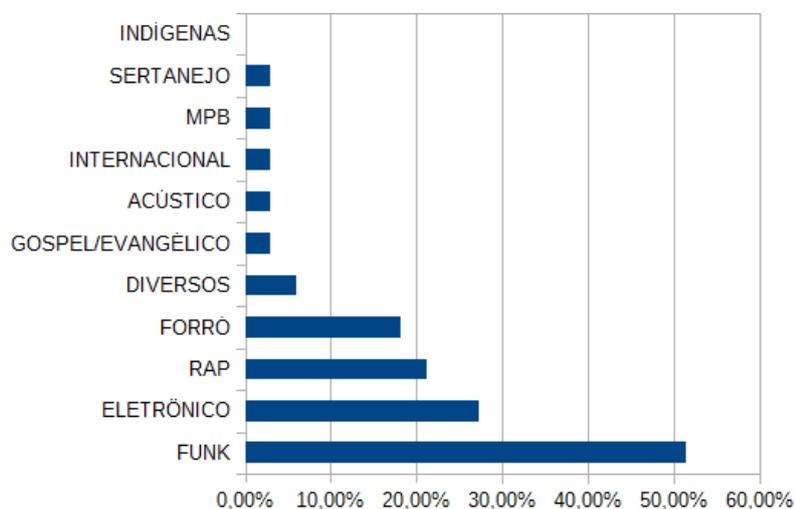


Gráfico 03: Preferências musicais dos alunos do 1º, 2º e 3º anos do E. Médio

O gráfico aponta que a maioria dos alunos do 1º, 2º e 3º anos, tem o funk como gênero preferido, seguido de músicas eletrônicas, rap e forró. Também foi mencionado por alguns alunos, músicas diversas, gospel, acústica, internacionais, MPB e sertanejo. Nenhum aluno citou músicas indígenas. O fato da maioria dos estudantes fazerem parte das etnias indígenas situadas em Poranga, mas não haver citações da música indígena por parte dos alunos no questionário, pode ser entendido através do observado no PPP e nos relatos dos professores. Em ambos, a música indígena está mais associada ao ritual sagrado do toré, com isso, perdendo um pouco a característica de um gênero musical comum, mas ficando fortemente associada à ritualística do toré. Outro ponto que deve ser levado em consideração, é até onde as mídias sociais influenciam na escolha do gosto musical dos alunos e qual o papel da escola e do professor de arte/música nesse processo. Mas isso só uma nova pesquisa poderá revelar.

Quando questionados sobre em quais locais fazem a apreciação desses gêneros, 90,9% assinalaram que apreciam “em casa”. 21,2% escolheram a opção “na casa de amigos”. 18,8% marcaram a alternativa “em festas”.

Perguntados se teriam participado de alguma atividade musical recentemente, 78,8% responderam não e 21,2% responderam que sim. Dos que responderam sim, 57,1% assinalaram que a atividade musical que eles participaram foi em casa, 28,6% marcaram que foi na casa de um amigo e 14,3% escolheram a alternativa na escola. Os respondentes não especificaram qual foi a atividade musical.

Os meios mais utilizados entres os estudantes que responderam o questionário para ouvir músicas, são: youtube em primeiro com 84,8%, o rádio vem logo atrás com 9,1%, e depois aparece o celular com 6%.

93,9% dos estudantes responderam que não tocam nenhum instrumento musical ou cantam. Apenas 6,1% responderam que tocam algum instrumento musical ou cantam. Em um dado momento do questionário todos os respondentes associaram ao ambiente de suas próprias casas como o local mais frequente de prática musical.

Ao analisar o perfil musical dos estudantes das séries finais, podemos ter um panorama do resultado que está sendo alcançado, através da formação musical desse aluno, e como é a vivência musical deles, após já terem passado por quase todo o processo educacional. A partir desses resultados, podemos observar de forma geral, um perfil muito mais voltado para a apreciação musical, atividade que em sua maioria das vezes o aluno

participa de forma passiva. Uma quantidade muito pequena de estudantes se consideram praticantes de atividades musicais ativas, onde ele é o protagonista.

Resta, através do resultado encontrado, avaliar se os objetivos que foram traçados no PPP acerca do ensino da música, e as atividades praticadas pelos docentes estão alcançando os resultados esperados e partindo dessa autoavaliação, traçar novos caminhos e estratégias para o ensino da música na escola.



Figura 3: Foto do perfil da página do facebook da escola.

7. O TORÉ

Neste trabalho, não poderia ficar de fora uma das maiores manifestações culturais praticada pela maioria das etnias indígenas do Brasil, o toré. Ele também é utilizado em praticamente todas as Escolas Indígenas, além de ser uma atividade que mobiliza toda a comunidade. Na escola pesquisada não é diferente, por mais que seja uma atividade extraclasse. O toré é tão rico em significados e de um valor cultural tão grande para os índios Tabajaras e Kalabaças de Poranga, que merece um estudo aprofundado. Infelizmente, devido aos objetivos desta pesquisa falaremos sobre o Ritual do Toré apenas de forma introdutória.

O Toré é uma expressão cultural de extrema importância que está presente em praticamente todos os povos indígenas do Nordeste. Barcellos et al. (2014) afirma que o Toré:

[...] É caracterizado como sinal diacrítico pela FUNAI para reconhecimento dos grupos indígenas do Nordeste desde a década de 1930. Assim os povos indígenas adotaram o Toré, como expressão mais forte da indianidade nos diversos momentos do cotidiano como ritual religioso, cultural, social e político nas lutas de reivindicação pelos seus direitos. Nesse contexto, o Toré tem diversas histórias, interpretação, construção, desconstrução, recriação, das formas mais simples às mais elaboradas. (2014, p. 33)

Não podemos precisar a origem exata dessa prática, mas sabemos que a princípio se caracteriza por uma dança ritual e seus modos operantes e significados variam em cada etnia. Para algumas etnias o toré é um ritual sagrado, que une dança, religião, luta e brincadeira, é um momento de encontro com seus antepassados e com seres místicos. O Toré, é

(...) rito utilizado pelo grupo para restaurar elementos perdidos, bem como integrar os indígenas entre si e com o próximo. O rito surge como uma forma de simbologia da união e ao mesmo tempo de legitimação étnica. “o Toré é uma expressão lúdica e organizadora, íntima e emblemática, definida pelos indígenas como ‘tradição’, ‘união’ e ‘brincadeira’, que é atualmente uma prática conhecida e presente na maioria das coletividades que se reivindicam como indígenas.”(Tiago Alves Callou, Miguel Ângelo Silva de Melo. p.156)

Neste trabalho adotaremos o significado do Toré na perspectiva dos índios Tabajaras e Kalabaças de Poranga/Ce, que segundo o Cacique Jorge Tabajara;

Para nós povos indígenas Tabajara e Kalabaça de Poranga, o Toré é umas das maiores expressões culturais do nosso povo, é um ritual sagrado, momento que usamos para entrar em sintonia com os nossos encantados, nossos ancestrais e Nosso Pai Deus Tupã. É o ponto mais forte da nossa espiritualidade indígena e forma de nos mantermos unidos coletivamente, fortalecidos para enfrentar a luta no dia a dia e defesa de nossos direitos. Usamos o toré também durante algumas manifestações culturais e lutas dos nossos, como nas nossas marchas e caminhada como forma de fazer a reivindicações de nossos direitos e dar visibilidade a nossa luta.

Ainda segundo ele;

O bom Tabajara e Kalabaça de Poranga, pratica o ritual em todas as oportunidades e momentos organizados por nossas lideranças, caciques e pajés. Todos que entram na roda do toré devem participar com respeito, de acordo com a sua forma de dançar o ritual e cantar forte.

O toré é dividido em duas partes, a primeira parte é a abertura, momento de pedir proteção para os seus guerreiros e guerreiras, fazer curas dos enfermos, proteger a aldeia, é um momento de forte ligação com seus encantados. Muitas vezes esse primeiro momento acontece com todos ajoelhados, de mãos dadas ou abraçados e de olhos fechados. Essa primeira parte inicia com as entoadas de abertura. Após essa abertura, as entoadas continuam, mas agora com os participantes dançando em rodas, geralmente um atrás do outro ou juntos de acordo com a quantidade de participantes. No toré geralmente são formados dois círculos, que são chamados de pequena roda ou centro e grande roda. Na pequena roda ficam os puxadores que são as pessoas responsáveis pelas entoadas e os percussionistas que utilizam chocalhos, maracás e tambores. Esse centro, geralmente é composto pelos caciques, pajés e lideranças tradicionais. Na grande roda, fica o resto dos participantes, essa grande roda pode se dividir em várias camadas de acordo com a quantidade de integrantes, originando outras rodas. Não há uma duração exata para o término ritual, podendo às vezes durar dez minutos ou uma noite inteira e o término do ritual é de forma espontânea. As vestimentas utilizadas no ritual são cocar e tangas de croa, também fazem pinturas corporais. Uma das participantes do Toré fala da sensação ao participar:

(...) é como se fosse uma injeção de força, a gente entra na dança pra gente se fortalecer com os parentes que estão dentro da roda. Agora não, porque, acarreta uma coisa devido a falta de chuva os cajus ficam poucos. A gente não fez mais o mocooró, que é a bebida que a gente dança e toma durante o ritual para fortalecer

as vidas que estão ali dentro daquela roda, que é uma bebida feita do caju e chamamos de mocororó que só pode ser bebida durante a roda de toré.

Agora apresentamos a transcrição de algumas músicas⁸ que são cantadas no ritual sagrado Toré. A primeira é a de abertura do ritual, geralmente é uma música lenta sem tantos instrumentos percussivos. É durante ela que os participantes buscam se conectar à terra e aos elementos místicos.

⁸ Os trechos a seguir foram extraídos de áudios enviados pelo Cacique Jorge Tabajara, de Poranga /CE. As harmonias cifradas são apenas sugestões para acompanhamentos, segundo interpretação do próprio autor do trabalho.

Música de Abertura (Etnia Tabajara e Kalabaça)

Rubato/recitativo
com acompanhamento de chacoalhar contínuo de maracas

Coro

Gran-de/es-tron - do deu na/al - dei - a! Que/al - dei - a ba - lan - ce - ou!
Al - dei - a gran - de dos ín - dios e/al - dei - a gran - de no mar!

"Ta - pi - na - ré" é rei dos ín - dios e no mar. Ta - pi - na - ré é rei no mar!

01. II: Grande estrondo deu na aldeia!
Que aldeia balanceou :||

II: "Tapinaré" é rei dos índios e no mar,
Tapinaré, é rei no mar!:||

02. II: Aldeia grande dos índios e aldeia
grande no mar:||

Transcrição 1: Música de Abertura

A seguir apresentamos uma sequência de músicas que são entoadas após a abertura. Nessas músicas o ritmo se intensifica e os integrantes já estão completamente envolvidos na dança do Toré.

Sequência I (Etnia Tabajara e Kalabaça)

75 b.p.m.

Ritmo de Xote, com acompanhamento de maracas nos contratempos

1. CABOQUIN DAS MATAS

Coro

Sou "ca-bo-quin" das ma-tas, quem man-da na ma-ta/é eu! Sou Eu. É eu, é eu é eu. Quem man-da a ma - ta/é eu! É eu! Sou "ca-bo-quin" das ma-tas, quem man-da na ma-ta/é eu! Sou Eu. É eu, é eu é eu. Quem man-da a ma - ta/é eu! É eu. Com mi-nha so-bri-nha ver-de de ci - pó... Com mi-nha so-bri-nha ver-de/eu que-ro/o nó nó ca-lan-go - tan-go/"es-ca-lan-go ver-de ca-lan-go tan-go/"es-ca-lan-go do mar ca-lan-go - tan-go/"es-ca-lan-go ver-de ca-lan-go tan-go/"es-ca-lan-go do mar ca-lan-go - mar. Pai Tu - pã pai Tu - pã/é/o nos-so

2. MINHA SOBRINHA VERDE

3. CALANGOTANGO

4. PAITUPÃ

2

Sequência I

41 $B\flat$ F $B\flat$ 1.

rei, ai, ai, ai! — Nos dai for-ça, nos dai for-ça pa-ra jun-tos tra-ba-lhar. Pai Tu-

47 2. **5. TAMBOR JUREMAR** $B\flat$ F $E\flat$ $B\flat/D$ Cm F

lhar. To-que/o tam - bor tam-bor "Ju-re-mar" e ba-lan-ce/a ma-ra-ca e va-mos dan-

51 $B\flat$ $B\flat$ F $E\flat$ $B\flat/D$ Cm F

çar to-que/o tam - bor tam-bor "Ju-re-mar" e ba-lan-ce/a ma-ra-ca e va-mos dan-

55 1. $B\flat$ 2.

çar to-que/o tam - çar

1. CABOQUIN DAS MATAS

II: Sou "caboquin" da mata, quem manda na mata é eu! :||
 II: É eu, é eu, é eu... quem manda na mata é eu. :||

2. SOBRINHA VERDE DE CIPÓ

II: Com minha sobrinha verde de cipó, com minha sobrinha verde, eu quero o nó. :||

3. CALANGOTANGO

II: "Calangotango", "escalango" verde, "calangotango", "escalango" do mar. :||

4. PAI TUPÃ

II: Pai Tupã, pai Tupã é o nosso rei, ai, ai, ai!
 Nos dai força, nos dai força para juntos trabalhar. :||

5. TAMBOR JUREMAR

II: Toque o tambor, tambor Juremar, e balance a maraca e vamos dançar! :||

Transcrição 2: Sequência I

Por último, vamos mostrar a transcrição da música que é usada no encerramento do ritual. Apesar de não existir uma música específica para o término do Toré, segundo o Cacique Jorge Tabajara essa é uma música muito cantada nesse momento final.

Deus no céu e os índios na terra (Etnia Tabajara e Kalabaça)

maracas marcando o tempo de semínima

Coro

The musical score is written in 2/4 time with a key signature of two flats (Bb and Eb). It consists of two staves. The first staff contains the vocal melody with lyrics: 'Deus no céu e/os in-dios na terra Deus no céu e/os in-dios na'. The second staff contains a rhythmic accompaniment with lyrics: 'ter-ra va-mos ver quem po-de mais Deus no céu va-mos ver quem po-de mais Deus no céu!'. Chord symbols are placed above the notes: Bb, Eb, F, Bb, Eb, F7 in the first staff; Bb, Cm F7, Bb, Cm F, Bb in the second staff.

Deus no céu e/os in-dios na terra Deus no céu e/os in-dios na

5 ter-ra va-mos ver quem po-de mais Deus no céu va-mos ver quem po-de mais Deus no céu!

||: Deus no céu e os índios na terra. :||

||: Vamos ver quem pode mais. Deus no céu! :||

Transcrição 3: Deus no céu e os índios na terra

7.1 Toré na Escola Indígena Jardim das Oliveiras

Na Escola Indígena Jardim das Oliveiras o Toré acontece toda segunda-feira no turno da manhã às 8 h, e no período da tarde às 14 h, com a participação voluntária dos alunos. Segundo uma das professoras que participa do toré, entrevistada número 1 desta pesquisa, apesar de existir um trabalho de conscientização da importância do ritual sagrado,

ainda há uma resistência por parte de alguns alunos, principalmente dos que estão na fase da adolescência e que chegam de outras escolas.

(...) a gente inicia o processo de ensino da questão da importância do nosso ritual sagrado e tudo mais, desde a educação infantil, e aí a gente vai trabalhando nas séries iniciais, porém os nossos alunos, principalmente os que vêm de outras escolas, eles têm a resistência da prática do ritual sagrado, (...) só que a gente coloca como um ponto importante e positivo para nossa comunidade, (...) eles serão nosso futuro, então eles precisam fortalecer esse momento cultural para que a partir daqui a gente possa, eles possam dar continuidade na cultura.

O toré acontece, na maioria das vezes, no pátio que fica no centro da instituição, mas também pode ser dançado na frente da escola ou no campo de areia localizado no fundo da escola. Os instrumentos utilizados no ritual são; maracás, chocalhos e um tambor.

Os professores responsáveis por organizar a roda do toré vão junto com alguns alunos, buscar os instrumentos já citados, enquanto os outros estudantes saem das salas para começar a formar a roda do toré. No centro do pátio ficam os puxadores que são responsáveis pelos cânticos e os percussionistas, formando um pequeno círculo, que às vezes é chamado de “centro” ou “pequena roda”. Esse pequeno centro, geralmente é formado por cinco a seis pessoas entre estudantes e professores, ele fica dentro de mais dois círculos, às vezes chamados de “grande roda”. Essas grandes rodas são formadas por alunos e professores, mas seus integrantes são divididos de acordo com a faixa etária dos alunos. O círculo que fica ao redor do “centro” é composto por crianças e professoras da alfabetização, primeiro, segundo e terceiro anos do ensino infantil. O círculo maior fica ao redor deste último citado, ele é formado pelos estudantes das séries mais avançadas. Dependendo da quantidade de participantes na roda do toré, diversas rodas grandes podem se formar ao redor do centro. No começo acontece o momento de ligação com os antepassados e entre os participantes, nesses momentos todos dão as mãos e o puxador começa a agradecer pelas conquistas (podendo, às vezes, fazer algumas críticas de cunho político ou social), e pedir forças para seu Deus Pai Tupã e rezam um pai nosso. Ainda nesse primeiro momento é entoado alguns cânticos de abertura, que geralmente são mais lentos e têm um acompanhamento mais discreto da percussão, os participantes já iniciam a movimentação em sentido anti-horário, ainda de forma lenta. Logo em seguida os ritmos dos tambores começam a se intensificar, os cânticos ficam mais acelerados e a movimentação também cresce. O toré na escola dura em média dez minutos, de acordo com observações e relatos,

ficou claro que não existe um cântico específico para o término do toré, ele termina de forma espontânea.

Essa manifestação cultural que acontece nas escolas indígenas, de maneira geral, tem uma função de preservação e resgate da identidade. Ao ser perguntada sobre qual a função do toré na escola, uma das professoras que participa do ritual, respondeu: “A função do toré na nossa escola é em resgate a cultura do nosso povo que a gente não quer deixar morrer”.

Uma aluna que participa do ritual na escola fala que:

Pra mim a importância é que a gente vem resgatando uma cultura já que é antiga, o toré faz a união de todas as pessoas, independente de raça, de etnia, e tal, as pessoas se juntam para pedir força a um pai tupam só, isso que é importante pra mim, que todas as pessoas se unem para transmitir energias umas pras outras, receber também, e essas coisas.

Essa manifestação também ocorre em outros locais, como relata outra entrevistada, ao falar onde o Toré é dançado: “Dentro da escola, no centro da cidade, lá no roçado, nas ruas, nas manifestações que a gente faz nos fóruns, nas repartições públicas, nas escolas do município onde a gente é chamado a gente também faz isso”.

Um dos objetivos da criação da Escola Indígena Jardim das Oliveiras, foi o de fortalecer e multiplicar a cultura dos povos indígenas da cidade, costume, crenças e tradições. É com esse papel importante de ajudar a manter viva essa cultura que o toré é praticado na escola, onde é transmitido todos os seus significados simbólico, místico e sagrado dessa tradição. Proporcionado ao jovem uma experiência única de ligação com suas raízes.



Figura 4: Roda do Toré na escola Jardim das Oliveiras.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponderamos, a partir das informações apresentadas ao longo deste trabalho, que a música exerce principalmente o papel de ferramenta de ensino, facilitadora do aprendizado, sendo utilizada como metodologia. Embora ela esteja bem presente na escola, tanto no PPP como nos relatos dos professores, a falta de profissionais formados na área de Música faz com que a utilização dela não seja no seu potencial máximo, acabando por ficar em segundo plano. A consequência disso pode ser observada ao analisar o perfil musical dos alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, que demonstram pouco protagonismo na prática musical, deixando de ser um agente ativo, criador, executor e sendo, na grande parte das vezes, um agente passivo, apenas como ouvinte.

O presente trabalho pode constatar por meio da análise e confronto dos dados, que apesar de na escola existir músicas indígenas, principalmente na roda do Toré, não há citações claras sobre músicas indígenas no PPP da escola. Fica entendido que quando a música aparece no PPP, tanto pode ser trabalhada música indígenas ou não. O PPP não diferencia música indígenas de não indígenas. Mas, apesar de não existir essa diferenciação no PPP, todos os professores que disseram se utilizar de atividades musicais, relataram a utilização de músicas indígenas em suas aulas. Ficando claro que, não há um direcionamento para a prática dos docentes, nesse quesito. Não ficou claro em qual nível isso afeta o aluno. Porém, ficou incontestável a importância da música indígena na escola e como ela está intrinsecamente ligada ao ritual sagrado Toré, a religiosidade do povo e a valorização e reafirmação étnica.

O Toré se caracteriza como um dos pilares fundamentais, vivificantes e dinâmicos, para a existência, preservação e materialização da tradição indígena das etnias Tabajara e Kalabáça na cidade de Poranga/CE. Esta manifestação se caracteriza como uma mescla de dança, oração, reunião, ultrapassando o que seria uma simples execução musical comum ao cotidiano da maior parte dos diversos gêneros musicais. Portanto, no ponto de vista dos alunos, segundo o questionário aplicado e posterior análise, o Toré é considerado um elemento ritualístico da tradição indígena, remetendo à espiritualidade e religiosidade, no qual a figura do “Pai Tupã” é, por vezes, reverenciada. Esta interpretação do Toré influencia na visão que os estudantes têm das músicas cantadas no ritual, deixando de encará-las como um simples gênero musical.

O presente trabalho pretende despertar para uma discussão da investigação, a nível regional, acerca da educação musical no cotidiano escolar regular, sua relação com a música indígena ou com outras raízes étnicas, a compreensão dos envolvidos nos processos culturais e como os documentos norteadores, tais como PPPs, matrizes curriculares e planos de ensinos, etc, se adequam às especificidades de aspectos de cultura e tradição, respeitando suas essências e dinâmicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Bruno Ronald. Notas sobre a construção da educação “diferenciada” entre os Tabajara e Kalabaça de Poranga. Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 2, nº 2, p. 78 – 97. jul./dez. 2010.

BARCELLOS, Lusival. *Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba*. João Pessoa: Ufpb, 2012. p. 282.

CALLOU, Tiago. MELO, Miguel. RITUALÍSTICA TABAJARA: O toré como meio de avivamento étnico. Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 5, Janeiro – Junho de 2018.

COHN, Clarice. Educação escolar indígena: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 485-525, 2005.

Cristina da Conceição Resende, Victor Hugo Neves de Oliveira

Escola Jardim das Oliveiras. PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, Etnias: Tabajara e Kalabaça Poranga-Ceará, p. 310, 2017.

FIGUEIREDO, Sérgio. O processo de aprovação da Lei 11.769/2008 e a obrigatoriedade da música na Educação Básica. Anais do XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente, Belo Horizonte, 2010. Painel.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), v4.3.8.10 População no último censo. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/poranga/panorama>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), v4.3.8.10 História/Poranga-Ce. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/poranga/historico>> Acesso em: 03 jun. 2018.

MARLEI POZZEBON, HENRIQUE M. R. de FREITAS. Pela Aplicabilidade -com um maior Rigor Científico- Pela Aplicabilidade -com um maior Rigor Científico dos Estudos de Caso em Sistemas de Informação. RAC, v.2, n.2, Maio/Ago. 1998: 143-170.

NUNES, Karliane. NOTAS SOBRE MÚSICA E CULTURA INDÍGENAS: DE UMA ABORDAGEM COLONIZADORA AO SOM HÍBRIDO CONTEMPORÂNEO. Revista Travessias. ISSN: 1982-5935/ Vol. 10, n-01,26 Ed. 2016.

O TORÉ INDÍGENA TABAJARA: CORPO, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES

PEREIRA *et al*, Psicol. Reflex. Crit. vol.22 no.3 Porto Alegre 2009 . Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000300013>> Acesso em: 03 jun. 2018.

RESENDE, Cristina da Conceição; OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. O Toré indígena Tabajara: Corpo, cultura e transformações. V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Manaus: ANDA, 2018. p. 565-570.

SEEGER, Anthony. OS ÍNDIOS E NÓS. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: EDITORA CAMPUS LTDA, 1980.

SEEGER, Anthony. Por que cantam os Kisêdjê- uma antropologia musical de um povo amazônico. São Paulo: Cosac Naify, 2015, 320 pp, 28ils.

SESI. Projeto Pedagógico Escola Anísio Teixeira/ Serviço Social da Indústria. – Salvador: SESI/BA, 2016. Disponível em: http://sesi.fieb.org.br/midia/2017/11/crop_cf6a1aca-7b0f-40c4-b4d3-8ecb92e325ef.pdf, Acessado em 08/06/2019.

SILVA, Maria Abadia da. Do projeto político do Banco Mundial: ao projeto político pedagógico da escola pública brasileira. In: Arte & Manhas dos Projetos Políticos e Pedagógicos. Campinas – SP: CEDES, 2003, v.23/n.61.

SILVA, Sidnei. RAMOS, Leandro. O “TORÉ” E O ENSINO DE GEOGRAFIA as músicas indígenas na etnoeducação Potiguara da Paraíba. REVISTA ELETRÔNICA DA GRADUAÇÃO/PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO UFG/REJ. ISSN. 1807-9342 Volume 14, N. 2, 2018

VEIGA, Ilma P. A. Projeto Político Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: _____ (Org.). Projeto Político Pedagógico: uma construção possível. 3. ed. Campinas: Papirus, 1997.

ANEXOS**Questionário aplicado aos professores da escola**

Nome do(a) professor(a): _____ E-mail: _____

Sexo: Masculino Feminino

1. Qual é a sua formação? Assinale todas as alternativas que considerar relevantes e identifique o curso/área de sua formação.

Ensino Médio completo-curso:

Ensino Superior incompleto-área:

Ensino Superior completo-área:

Pós-Graduação-área:

Outra. Especifique: _____

2. Onde é sua atuação na escola?

Educação Infantil

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

3. Você teve algum tipo de formação musical?

Sim Não

Especifique:

No ensino médio

Na graduação

Em escolas de música

Em cursos de formação continuada

Outros. Especifique: _____

4. Você canta e/ou toca algum instrumento musical?

Sim Não

Especifique: _____

5. Você tem participado de cursos, oficinas, seminários ou encontros na área de música?

Sim Não

Especifique: _____

6. Quais disciplinas você ensina e em quais turmas?

Disciplinas	Turmas

7. Você realiza atividades musicais na sua(s) disciplina(s)?

Sim Não

*Caso tenha assinalado **SIM**, por favor especifique as disciplinas e turmas onde são realizadas atividades musicais:

Disciplina	Turma

*Caso sua resposta tenha sido **NÃO**, pare por aqui e muito obrigado!!

8. Caso você realize atividades musicais, que tipo de atividades você desenvolve? Assinale todas as alternativas que considerar relevantes.

- Apreciação musical
- Dança
- Canto
- Atividades para desenvolver a capacidade auditiva
- Movimentação
- Construção de instrumentos
- Execução de instrumentos musicais
- Identificação de instrumentos musicais
- Execução de músicas para formação de hábitos

- Composição ou criação de músicas
- Visitação a espetáculos musicais
- Improvisação
- História da música
- Visitas a escolas de músicas, orquestra, corais e outras instituições
- Outros. Especifique: _____

9. Na sua(s) disciplina(s) você trabalha a música indígena?

- Sim Não Especifique: _____

10. Qual o papel que a música exerce na sua disciplina?

- Ferramenta para auxiliar o aprendizado
- Conteúdo principal
- Auxílio para a criação de hábitos
- Entretenimento

11. Qual a receptividade dos alunos durante as atividades musicais? E quais atividades tem melhor aceitação?

I. Excelente II. Boa III. Indiferente IV. Ruim

- Apreciação musical
- Dança
- Canto
- Atividades para desenvolver a capacidade auditiva
- Movimentação
- Construção de instrumentos
- Execução de instrumentos musicais
- Identificação de instrumentos musicais
- Execução de músicas para formação de hábitos
- Composição ou criação de músicas
- Visitação a espetáculos musicais
- Improvisação
- História da música
- Visitas a escolas de músicas, orquestra, corais e outras instituições
- outros; Especifique: _____

12. Como você lida com o contraste entre a música indígena e a música não indígena?

Questionário para aplicar aos alunos

1ª) Nome: _____ Sexo: _____

Série: _____ Data: _____

2ª) Você pertence a qual etnia?

Tabajara

Kalabaça

Nenhuma

Outras; Quais? _____

3ª) Você participa do Toré?

Sim

Não

Caso a resposta seja positiva, em quais locais isso aconteceu?

Na tribo

Em casa

Na escola

Em praças

Outros lugares; Quais? _____

4ª) Quais gêneros musicais você gosta de ouvir?

Forró

Músicas Indígenas

Funk

Eletrônica

Brega

Gospel/Evangélica

Outros; Quais? _____

5ª) Em quais locais você escuta essas músicas?

Em casa

Em festas

Na igreja

Na casa de amigos

Na escola

Outros locais; Quais? _____

6ª) Você tem participado de alguma atividade musical recentemente?

Não

Sim

